

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

BRENO HENRIQUE MORAES MACIEL

O JIU-JITSU BRASILEIRO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ARTE SUAVE
COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

RECIFE

2019

BRENO HENRIQUE MORAES MACIEL

O JIU-JITSU BRASILEIRO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ARTE SUAVE
COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Marcos André Nunes Costa.

RECIFE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

M152j Maciel, Breno Henrique Moraes

O jiu-jitsu brasileiro na educação física escolar: a arte suave
como ferramenta pedagógica / Breno Henrique Moraes Maciel.
– 2019.
30 f.

Orientador: Marcos André Nunes Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação Física,
Recife, BR-PE, 2019.

Inclui referências e anexo(s).

1. Jiu-jitsu 2. Educação física para crianças 3. Artes marciais para
crianças I. Costa, Marcos André Nunes, orient. II. Título

CDD 613.7

BRENO HENRIQUE MORAES MACIEL

**O JIU-JITSU BRASILEIRO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A ARTE
SUAVE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.**

Trabalho de monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção parcial do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em: ____/____/____.

Prof Dr Marcos André Nunes Costa
Orientador

Profª Drª Rosângela Cely Branco Lindoso
Examinadora I

Prof Dr Henrique Gerson Kohl
Examinador II

RECIFE

2019

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado primeiramente à Deus, pois sem ele não há norte a seguir. Agradeço à minha família: Minha mãe Leda e meu pai José, minha irmã Nívea e irmão Diego, minhas sobrinhas Ananda e Letícia, minha cunhada Marcela e cunhado Bernardo, por toda esperança, força, confiança e todo amor que depositam em mim. Eu amo vocês!

Agradeço à Maria Claudia, por tudo que ela me ensinou e ensina diariamente, pelas atitudes, palavras de carinho e pela incessante mania de me incentivar a alçar voos mais altos. Não posso deixar de agradecer aos meus amigos e amigas que fizeram parte da minha vida acadêmica, e que levarei comigo para sempre, como Maíra, Helen, Natália e Nayne pelo apoio durante todo o caminho que percorri na universidade e principalmente o incentivo na reta final.

Agradeço a turma do “Flop” composta por Bianca, Lucas, Rodrigo, Mayara e Gleyce; Obrigado por transformarem em alegria os meus dias na universidade, pelas histórias vividas, as risadas e flops compartilhados!

Agradeço também ao meu professor orientador Marcos Nunes, por independentemente dos diversos obstáculos no percurso, ter continuado ao meu lado. Obrigado, professor!

RESUMO

O Jiu-jitsu brasileiro é uma luta que pode ter tido seu início a cerca de 5.000 anos e que tem origem incerta, mas que tomou proporção mundial após chegar ao Brasil, através da família Gracie e que pode ser considerado como parte da cultura corporal, que baseia parte das aulas de educação física escolar. O presente trabalho tem o objetivo de identificar na literatura o Jiu-jitsu brasileiro como ferramenta pedagógica nas aulas de educação física. Para alcançar tal objetivo foi utilizado um estudo de revisão bibliográfica. O aporte teórico utilizado nos mostra que apesar de ter se tornado parte da cultura do país e da confirmação como conteúdo da cultura corporal, a modalidade ainda sofre com preconceito e se depara com argumentos restritivos dos professores de educação física, mas apresenta também argumentos que superam os restritivos e possibilitam o trato de tal modalidade nas aulas do conteúdo lutas. Durante a análise dos textos identificamos que os autores trazem as três dimensões de conteúdo como possibilidade de trato das lutas e a partir delas também a possibilidade da inserção do Jiu-jitsu brasileiro nessas aulas. Conclui-se que o Jiu-jitsu brasileiro é sim uma possível ferramenta pedagógica para as aulas do conteúdo lutas na educação física escolar quando posto através das três dimensões de conteúdos trazidas pelos autores.

Palavras - chave: Jiu-jitsu. Escola. Lutas. Educação física.

ABSTRACT

Brazilian Jiu-Jitsu is a fight that may have had its beginnings about 5,000 years ago and is of uncertain origin, but which has taken on a worldwide scale after arriving in Brazil through the Gracie family and can be considered as part of body culture, which is one of the basis of physical education. The present work aims to identify Brazilian Jiu-jitsu as a pedagogical tool in physical education classes. To achieve this goal, a bibliographic review study was used. The theoretical contribution used shows that although it has become part of the culture of the country and have been confirmed as a content of body culture, the modality still suffers from prejudice and is faced with restrictive arguments of the physical education teachers, but also presents arguments that overcome the restrictive ones and allow the treatment of such modality in the content of fight classes. During the analysis of the texts we identified that the authors bring the three dimensions of content as a possibility of dealing with the fight as a content and from them also the possibility of insertion of Brazilian Jiu-jitsu in these classes. It is concluded that Brazilian Jiu-jitsu is rather a possible pedagogical tool for content classes fights in school physical education when put through the three dimensions of content brought by the authors

Keywords: Jiu-jitsu. School. Fight. Physical education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 OBJETIVO	9
2.1 GERAL	9
2.2 ESPECÍFICOS	9
3 REFERENCIAL TEÓRICO	10
3.1 UM BREVE HISTÓRICO DO JIU-JITSU BRASILEIRO	10
3.1.1 O JIU-JITSU BRASILEIRO NOS DIAS ATUAIS	13
3.2 O LUGAR DA LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	14
3.2.1 COMO TRATAR A LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	17
3.2.3 JIU-JITSU BRASILEIRO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	19
4 METODOLOGIA	22
4.1 CARACTERIZAÇÕES DO ESTUDO	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
6 CONCLUSÃO	24
7 REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O Jiu-jitsu brasileiro está na minha vida há sete anos. Influenciado pelo meu irmão, decidi conhecer e então praticar a modalidade que me levaria para não só um maior conhecimento técnico de luta, mas que também me ajudaria a trilhar o caminho acadêmico que trilhei até hoje. Posso afirmar que devo a minha descoberta pelo interesse na educação física, e consequentemente a escolha pelo curso de licenciatura em educação física da UFRPE, ao Jiu-jitsu.

O Jiu-jitsu, segundo Da Costa (2006), é uma arte marcial que pode ter tido seu início há cerca de 5.000 anos e não tem sua origem única, tendo sido desenvolvida não apenas em uma, mas em várias regiões do continente asiático, como Índia, Tibet, Ceilão e Japão. Apesar de sua origem distante do continente americano, o Jiu-jitsu chega ao Brasil e tem aqui a sua ascensão.

Após a chegada no Brasil o Jiu-jitsu toma grandes proporções, se entrelaçando com os costumes e cultura do país, e hoje podemos ver que “É evidente a relação cultural que essa prática, mesmo advinda do oriente, teve e continua tendo com a cultura brasileira, tanto que hoje, a arte marcial é denominada de jiu jitsu brasileiro, ou brazilian jiu jitsu.” (RUFINO; DARIDO, 2009). Discutir sobre Jiu-jitsu brasileiro é discutir sobre como uma prática foi passada de geração em geração por uma mesma família (a família Gracie), transmitindo não só conhecimento técnico, mas também valores, e transformando ícones do esporte brasileiro em verdadeiras lendas internacionais.

Mesmo apresentando várias raízes, o Jiu-jitsu tornou-se cultura no Brasil. Para além dos *kimonos*, tatames e ringues, a arte marcial conquistou ao longo dos anos inúmeros adeptos, a mídia esportiva, o interesse de empresários e caiu até mesmo no gosto dos mais ricos e influentes *Sheiks* dos Emirados Árabes Unidos.

Neste trabalho, em paralelo à modalidade do Jiu-jitsu brasileiro, temos a luta em sua perspectiva acadêmica e pedagógica que se faz presente e justificada e legitimada aem documentos norteadores, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Orientações Teórico Metodológicas (OTM's) do estado de Pernambuco, mas que sofre como um conteúdo ainda pouco explorado devido a

uma série de argumentos restritivos em diversos aspectos, como afirmam, por exemplo, Do Nascimento e De Almeida(2007) quando falam sobre a luta e dizem que “[...]alguns dos argumentos em relação ao tema na Educação Física escolar, que perpassam o posicionamento e as concepções dos professores atuantes em escolas, são restritivos para a efetivação do trato pedagógico desse conteúdo.”.

Apesar de uma notória história de sucesso e fazer parte da cultura do país, o Jiu-jitsu brasileiro ainda é pouco explorado do ponto de vista acadêmico, tendo poucas publicações (encontradas durante a que seguem um viés pedagógico. A partir da prévia experiência como praticante e atleta do Jiu-jitsu brasileiro, o interesse em caminhar por tal viés, tendo em vista a graduação em licenciatura em educação física e a partir da ideia de fomentar o debate acerca da modalidade e suas possíveis implicações como ferramenta pedagógica através do conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar é que o presente trabalho se justifica.

O presente trabalho consiste em uma revisão bibliográfica e fez parte da conclusão do curso de Licenciatura em Educação física da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, e teve como tema o Jiu-jitsu brasileiro como ferramenta pedagógica nas aulas de lutas da educação física escolar, sendo intitulado como “O Jiu-jitsu brasileiro na educação física escolar: A arte suave como ferramenta pedagógica.”. O trabalho teve como ponta pé inicial a seguinte indagação: “É identificável na literatura a possibilidade do trato do Jiu-jitsu brasileiro como ferramenta pedagógica viável nas aulas de educação física escolar?”, consequentemente o objetivo geral do trabalho é identificar na literatura a possibilidade do trato do Jiu-jitsu brasileiro.

Dando sequência ao trabalho, o tema foi escolhido devido a minha experiência prévia e afinidade com o Jiu-jitsu brasileiro e seu conteúdo, e a curiosidade acerca de como esse tema pode ser tratado nas aulas de luta na educação física escolar. A escolha pelo professor Marcos André Nunes Costa como professor orientador se deu também pela sua afinidade com o conteúdo luta e pelo fato de lecionar a disciplina de “metodologia do ensino das lutas” no curso de licenciatura em educação física da UFRPE.

2 OBJETIVO

2.1 GERAL

Identificar na literatura a possibilidade do trato do Jiu-jitsu brasileiro como ferramenta pedagógica viável nas aulas de educação física escolar.

2.2 ESPECÍFICOS

- Historicizar de forma breve o Jiu-jitsu brasileiro.
- Conceituar Lutas à luz dos Parâmetros Curriculares Nacionais.
- Identificar conexões entre o Jiu-jitsu brasileiro e a educação física escolar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho será dividido em três capítulos, todos relacionados com os assuntos tratados no presente estudo. O primeiro capítulo será um breve histórico do Jiu-jitsu brasileiro, o segundo será sobre o lugar que a luta ocupa na educação física, e o último capítulo sobre o Jiu-jitsu brasileiro e a educação física escolar.

3.1 UM BREVE HISTÓRICO DO JIU-JITSU BRASILEIRO

Para um melhor entendimento do que o Jiu-jitsu brasileiro pode representar no que diz respeito às possibilidades pedagógicas do trato da educação física escolar, é necessário compreender como essa luta se desenvolveu, primordialmente de um modo global e posteriormente dentro do nosso país, e de que forma seus aspectos foram ao longo do tempo sendo ressignificados. Para tal compreensão, apresentamos aqui um breve histórico do Jiu-jitsu brasileiro, e como dito anteriormente, falar sobre o Jiu-Jitsu é também falar sobre a família Gracie, pois após a chegada dessa arte marcial e luta no Brasil, essas duas histórias se misturam e se desenvolvem de forma conjunta.

O jiu-jitsu, na contramão de outras artes marciais, não possui uma origem única e percorreu um vasto caminho no continente asiático antes de chegar ao Japão e ter lá o seu desenvolvimento. As origens e raízes do Jiu-jitsu podem se mostrar mais antigas do que se possa imaginar, pois “Existem artefatos como uma pequena escultura achada na Babilônia, datada do 3º milênio antes de Cristo, que mostra dois homens engajados numa técnica do Jiu-Jitsu” (DA COSTA, 2006). Rufino e Darido (2009) afirmam que depois de passar por países como Índia, Tibet e Ceilão, o Jiu-Jitsu chega ao Japão e é desenvolvido pelos samurais, na época do Japão feudal, onde existia uma forte divisão de classe social e a nobreza dos samurais era enaltecida pela sociedade. Dentro desse contexto o Jiu-jitsu, bem como atividades como a pintura, cavalaria, esgrima e literatura, se tornou prática obrigatória aos jovens que seriam futuros samurais.

Rufino e Darido (2009) trazem ainda que devido ao aperfeiçoamento dos samurais, o jiu-jitsu se tornou de fato bélico, voltado para a guerra, e por isso mordidas, utilização de armas, dedo nos olhos dentre outras práticas foram adicionadas aos golpes corpo a corpo de chaves, estrangulamentos e imobilizações já característicos da arte marcial.

Ao passar dos anos, mesmo com a queda dos samurais, os japoneses continuaram a desenvolver e aperfeiçoar o Jiu-Jitsu. Jigoro Kano, um jovem professor de Jiu-Jitsu e que mais tarde seria funcionário do ministério da cultura do Japão, desenvolveu por volta de 1880 um novo estilo de Jiu-jitsu. Kano criou novas técnicas e adaptou muitas já existentes, retirando as que ele julgou perigosas demais, dando origem assim ao Judô. (DA COSTA, 2006).

Lise (2018) nos mostra que no início do século XX, mais precisamente no ano de 1914, o japonês Mitsuyo Maeda, faixa preta sexto dan de jiu-jitsu e aluno do criador do judô, Jigoro kano, chega ao Brasil para uma turnê de apresentações juntamente com outros lutadores japoneses de jiu-jitsu. A turnê rodou o Brasil e passou por cidades como Recife, Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo. Três anos após a turnê, em 1917, Mitsuyo Maeda, conhecido também como Konde Koma se estabelece fixando residência no estado do Pará.

Konde Koma, ao se estabelecer no estado do Pará, ajuda um grupo de japoneses a formar uma colônia no estado em questão. Gastão Gracie, diplomata, empreendedor e filho de um imigrante escocês, ajuda Konde Koma a formar a colônia japonesa concedendo terras e gado. Koma e Gastão acabam por se tornar amigos e como forma de demonstrar a gratidão pela ajuda recebida, o japonês ensina a arte do Jiu-jitsu para os cinco filhos de Gastão: Carlos, Oswaldo, Gastão Filho, Jorge e Hélio Gracie. (DA COSTA, 2006).

Ao ensinar as técnicas do Jiu-jitsu para os irmãos Gracie, Maeda mudaria para sempre o destino dessa arte marcial. Apaixonado pela arte do Jiu-jitsu, Carlos Gracie, o filho mais velho de Gastão (que era dono de um circo naquela época), mostra uma grande dedicação e pratica a arte marcial durante alguns anos, antes de se mudar com a família para o Rio de Janeiro, onde devido a dificuldades financeiras começa a ministrar aulas de Jiu-jitsu. (MARCELLO,2016).

Como fruto da dedicação ao jiu-jitsu, Carlos Gracie acaba por aperfeiçoar a arte com o desenvolvimento de novas técnicas que condiziam com os fundamentos da luta e que a transformava numa espécie de “xadrez humano”, baseando movimentos em alavancas (articulações) que possibilitariam assim um homem tido como “fraco” subjugar um homem com mais força, dando início assim ao “Gracie Jiu-Jitsu” (DA COSTA, 2006).

Segundo Da Costa (2006), em 1930 a primeira academia Gracie de jiu-jitsu é aberta por Carlos Gracie no Rio de Janeiro, Lise (2017), corrobora tal ideia quando afirma que a academia Gracie de Jiu-Jitsu foi inaugurada no dia 6 de setembro de 1930, com a presença de jornalistas e representantes da imprensa.

Na busca por novos alunos e para provar a supremacia do Jiu-Jitsu, os irmãos Gracie propunham desafios aos lutadores de outras modalidades de combate e artes marciais na confiança de que o jiu-jitsu praticado por eles era mais eficiente do que as técnicas de outras artes marciais. (LISE, 2017). Rorion Gracie (filho mais velho de Hélio), conta no documentário intitulado “Hélio Gracie, o samurai brasileiro” que com anúncios nos jornais da época, os Gracie ofereciam dinheiro para quem os vencesse, provocando os adversários com títulos como “Se quiser ter um braço quebrado procure os Gracie!”.

Da Costa (2006), diz que entre 1930 e 1950 Hélio Gracie, o mais novo dos irmãos Gracie e que tivera se tornado o representante da família nos desafios, não teria perdido uma luta sequer. Hélio teve sua invencibilidade interrompida no ano de 1951, com a chegada do até então pentacampeão do mundo de Judô, o japonês Matsuito Kimura, em uma luta que durou 13 minutos e foi encerrada quando Carlos Gracie (que estava como técnico de Hélio) jogou a toalha após ver seu irmão preso em uma chave de ombro aplicada pelo lutador japonês.

Os desafios dos Gracie deram origem ao que se chamava “vale-tudo” (modalidade que posteriormente teria sua nomenclatura mudada para Mixed Martial Arts com sigla MMA), onde desafiante e desafiado lutavam sem regras claras, sem limite de tempo e interrupções, tendo a luta encerrada apenas com a desistência de um dos lutadores. (DA COSTA, 2006).

Em 1993 Rorion Gracie, filho de Hélio Gracie que morava nos estados unidos, criou o Ultimate Fight Championship (UFC), um torneio de “vale-tudo” com a

intenção de provar a eficiência do Jiu-Jitsu para o mundo. O torneio se deu de forma eliminatória com nomes de diferentes artes marciais, inclusive Royce Gracie (também filho de Hélio) que foi o campeão das duas primeiras edições do evento. (DA COSTA, 2006).

Ao passar dos anos os Gracies seguiam aprimorando o jiu-jitsu e segundo o site da revista Graciemag (2019), no ano de 1967 com a autorização da Confederação Nacional de Desportos do país foi criada a Federação de Jiu-jitsu da Guanabara, no Rio de Janeiro, presidida por Hélio Gracie. As lutas de Jiu-jitsu agora tinham tempo máximo e regras bem definidas.

Com o sucesso de Royce Gracie no UFC, o jiu-jitsu ganha visibilidade e se consolida como defesa pessoal eficiente. Eventos de “vale-tudo”, semelhantes ao UFC são criados e exigem do lutador o conhecimento do Jiu-jitsu brasileiro, já que “Nesses eventos, o jiu jitsu tornou-se modalidade fundamental na qual os atletas precisam ter pelo menos um mínimo de conhecimento para que eles possam ser bem sucedidos” (RUFINO; DARIDO, 2009).

Em 1994, segundo o site da revista Graciemag (2019), Carlos Gracie Jr (filho de Carlos Gracie) funda a Confederação Brasileira de Jiu-Jitsu e a Federação Internacional de Jiu-jitsu Brasileiro. A Federação Internacional de Jiu-Jitsu Brasileiro realiza o primeiro mundial de Jiu-Jitsu em 1996, afirma Da Costa (2006).

3.1.1 O JIU-JITSU BRASILEIRO NOS DIAS ATUAIS

Após o seu desenvolvimento na Ásia, sua transformação pelos samurais em função da guerra e sua modificação no fim do século XIX e início do século XX o Jiu-jitsu continuou se transformando e tendo seus saberes ressignificados (tendo seu sentido e significado modificado devido as necessidades, apelos e características da sociedade). Com a popularidade adquirida através do UFC, a modalidade seguiu conquistando cada vez mais adeptos que fez com que por sua vez influenciaram na profissionalização do que agora ao invés de apenas luta, se tornou também um esporte de combate, segundo De Oliveira e Gomes (2006) “[...] por esporte de combate entendemos as Artes Marciais que se tornaram competitivas’. Ainda

dialogando com De Oliveira e Gomes (2006), quando afirmam que “Algumas modalidades de lutas foram tão difundidas que acabaram se esportivizando.”, podemos observar exatamente esse processo na criação das federações e confederações de Jiu-jitsu.

O Jiu-jitsu brasileiro continua em crescimento e expansão, tendo campeonatos como o “World Professional Jiu Jitsu Cup” e o “Abu Dhabi Combat Club” (ADCC) realizados pelo Sheik Tahnoon Bin Zayed Al Nayan e que premiam os atletas com quantidades consideráveis em dinheiro. (RUFINO; MARTINS, 2011).

Em 2015 a Federação Internacional de Jiu-jitsu Brasileiro teve sua vigésima edição do campeonato mundial em Long Beach, Califórnia e segundo a revista Graciemag (2016), o evento contou com 2.270 atletas inscritos, sendo desses 178 faixas pretas.

Nos dias atuais a modalidade conta com diversos campeonatos, de diversas federações, durante o ano, mas como afirma o site da revista Graciemag (2019), o evento com maior notoriedade no mundo do Jiu-jitsu ainda continua sendo o campeonato mundial da IBJJF (sigla em inglês para Federação Internacional de Jiu-jitsu Brasileiro) que teve pela primeira vez, na sua vigésima quarta edição, premiação em dinheiro para os atletas variando de 4 a 10 mil dólares para os campeões da faixa preta na divisão adulta, tanto nas categorias masculinas quanto femininas.

3.2 O LUGAR DA LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A luta, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é um dos cinco blocos de conteúdo da cultura corporal que foram integrados pela educação física. Podemos entender a cultura corporal por sua vez, como os incontáveis conhecimentos e representações que ao longo do tempo foram sendo modificadas com sua intencionalidade e forma de expressão sendo ressignificadas. (BRASIL, 1998, p.23). Seguindo por tal viés, cabe trazermos então a definição de luta apresentada pelos PCN's, que afirmam que:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio,

contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica, a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplo de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê. (BRASIL, 1998, P.37)

A história nos mostra que a luta corporal se apresenta em diversas sociedades, sendo desenvolvida, aperfeiçoada e transformada ao passo do avanço cultural e tecnológico da humanidade (ao exemplo do Jiu-jitsu, no capítulo anterior).

Tendo em vista documentos como PCN's e as OTM's, que trazem a luta corporal como conhecimento historicamente produzido pela humanidade, de importância social e integrante da cultura corporal, e em consonância com o que revelam Rufino; Darido (2013) ao frisar que “[...]fica evidente a inserção da temática das lutas como um importante conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física na escola, como uma das práticas que compõem o universo da Cultura Corporal.”, é possível afirmar que a luta, como conteúdo da cultura corporal, deve ter o seu espaço garantido e não ter seu conteúdo negado nas aulas de educação física, porém o que está posto como realidade não é de fato o que se deve seguir, pois:

No espaço de intervenção escolar, podemos afirmar que o tema/ conteúdo de lutas é pouco acessado e, inclusive, o seu trato pedagógico suscita questionamentos e preocupações diversas por parte dos profissionais atuantes na Educação Física. (DO NASCIMENTO; DE ALMEIDA, 2007, P.92)

Corroborando com o argumento trazido por Do Nascimento e De Almeida (2007), temos a afirmação que “Na verdade, o conteúdo das lutas, de acordo com alguns autores da área, ainda é pouco explorado por grande parte dos professores de Educação Física escolar.” (RUFINO; DARIDO, 2013).

Toda essa discussão acerca do que é luta e do lugar que ela pertence na educação física escolar nos traz uma indagação: Por qual motivo o conteúdo lutas é deixado de lado e negligenciado pelos professores de educação física, mesmo

sendo confirmado por documentos norteadores e autores diversos como parte da cultura corporal que deve estar presente nas aulas de educação física escolar?

Ferreira (2006), afirma que em sua pesquisa que dos 50 professores de educação física que responderam seu questionário, 34 (68%) não trabalham o conteúdo lutas em suas aulas. Desses 34 professores, 14 afirmam que o motivo pelo qual não se utilizavam da luta em sua prática pedagógica é que não tinham instrução para ensinar lutas, 8 afirmaram que a estrutura da escola em que trabalhavam não oportunizava o ensino das lutas, 6 afirmaram que entendiam a luta como prática inadequada para o ambiente escolar, outros 6 que não haviam especialistas disponíveis para ofertar ajuda sobre o tema.

Do Nascimento e De Almeida (2007), trazem em sua pesquisa a falta de vivência acadêmica e de vida e a preocupação com o fator violência como argumentos principais dos professores na tentativa de justificar a não utilização do bloco de conteúdo lutas em suas aulas de educação física.

Os argumentos trazidos pelos autores apontam um preconceito dos próprios professores para com o conteúdo lutas, tendo em vista a perceptível falta de conhecimento acerca do tema, e revelam uma possível lacuna na formação de tais professores. Por mais vezes que possam aparecer, esses argumentos restritivos são de pouca sustentação e são facilmente refutados a medida que os autores avançam em seu trabalho e constataam que “[...]não há necessidade de termos uma especialização em uma modalidade de lutas, desde que nosso objetivo não esteja pautado na formação de atletas/lutadores, mas na produção de conhecimento nas aulas de Educação Física.” (DO NASCIMENTO; DE ALMEIDA 2007). Ainda no contraponto dos argumentos restritivos, os autores continuam:

Não foram percebidos comportamentos violentos ou agressivos, nem física, nem verbalmente, no desenvolvimento de todas as aulas; ao contrário, percebeu-se um envolvimento constante nas tomadas de decisões e um zelo para o cumprimento dos acordos (DO NASCIMENTO; DE ALMEIDA, 2007).

O não ensino ou ensino pouco qualitativo do conteúdo luta corporal nas aulas de educação física, revela as limitações acerca da teoria e prática das lutas como conteúdo pedagógico e da prática pedagógica dos professores.

Na busca por uma educação física de qualidade, pautada na ideia de desenvolvimento do pensamento crítico e compreensão da realidade que cerca a sociedade, é necessário se fazer com que nenhum dos conhecimentos da cultura corporal seja negligenciado durante a prática pedagógica da educação física escolar.

Tendo em vista o que foi anteriormente dito, no que tange à luta como conteúdo, entendemos que se faz necessária a inserção das lutas nesta prática pedagógica. Com o foco na escola e na busca pelo desenvolvimento do pensamento crítico do aluno, através do processo educacional e utilizando-se da formulação de propostas para a educação física escolar, a intenção é localizar em cada uma das manifestações da cultura corporal corpoficadas pela educação física (jogo, esporte, dança, ginástica e luta) os seus benefícios fisiológicos e psicológicos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão, lazer e cultura. (BRASIL, 1998, P.23).

Na contramão de estereótipos e rótulos ultrapassados, alimentados através de desinformação e ignorância, Pernambuco (2010, p.25), afirma que é preciso fazer com que a luta seja compreendida no seu contexto histórico, a contar de sua busca pela sobrevivência, passando pelas suas esferas sociais, afetivas, religiosas, políticas, econômicas etc. Corroborando com a ideia das OTM's, vem o argumento de que "As lutas devem servir como instrumento de auxílio pedagógico ao profissional de educação física: o ato de lutar deve ser incluído dentro do contexto histórico-sociocultural do homem, já que o ser humano luta, desde a pré-história, pela sua sobrevivência." (FERREIRA, 2006).

3.2.1 COMO TRATAR A LUTA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Diante da notória importância do conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar e sua justificada sobreposição aos argumentos restritivos, dúvidas acerca de como o trato da luta deve se apresentar podem emergir. Levando em consideração que:

[...] as lutas têm sido compreendidas erroneamente no meio escolar, mas elas devem servir como instrumento pedagógico no fazer profissional do professor de Educação Física, contribuindo para a emancipação dos alunos, e desenvolvimento físico, psíquico e social (VENSON, 2015).

De quais maneiras então podemos tratar o conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar, visando superar os argumentos restritivos dos próprios professores? Um viés que não cabe para as aulas de educação física escolar, por tanto não se apresenta como opção viável de trato pedagógico das lutas é o do alto rendimento, pois “Primeiramente, deve-se ter claro que a função da escola não é formar atletas, muito menos lutadores e/ou competidores de uma ou outra modalidade esportiva de combate.” (RUFINO; DARIDO, 2013).

Dialogando com o que Venson apresenta, “Compreende-se que o trato pedagógico do componente lutas na Educação Física escolar deva comportar necessariamente aspectos da autonomia, criticidade, emancipação e a construção de conhecimentos significativos.” (DO NASCIMENTO; DE ALMEIDA, 2007).

No que tange a formação crítica do aluno, Rufino; Darido (2013) afirmam que “Deve-se prezar, a princípio, pela formação do cidadão que irá apropriar-se da Cultura Corporal em suas diferentes formas de manifestação (sendo as lutas apenas uma delas).”. Os autores avançam para a conclusão de que:

É preciso que as lutas, juntamente com os outros conteúdos da Cultura Corporal sejam aplicadas nas aulas de Educação Física na escola nas diversas séries, em diversos semestres, promovendo para os alunos, algo que eles ainda não têm em relação à essa temática, que é a vivência de diferentes modalidades, a apropriação crítica da cultura envolta nessas práticas e a ampliação dos conteúdos, promovidos pelas dimensões dos conteúdos (RUFINO; DARIDO, 2013).

Considerando os autores, se faz possível o entendimento de que para se tratar as lutas no ambiente escolar é preciso apresentá-las de forma crítica, não só

promovendo a prática pela prática, mas sim buscando abordar os diversos aspectos desse conteúdo, como o social, econômico, cultural, técnico e até mesmo filosófico. Para tal, os autores Rufino e Darido trazem as dimensões de conteúdo como meio para o ensino das lutas na escola.

Zabala (apud RUFINO; DARIDO, 2009), propõe a organização dos conteúdos através das três dimensões (conceitual, atitudinal e procedimental) e afirma que essas três dimensões são importantes e se completam, tendo o conteúdo das aulas assim que ser trabalhado de acordo com as dimensões. Nessa mesma perspectiva, os autores também deixam claro que:

Deve-se destacar que, embora as dimensões sejam divididas em três, na prática do processo de ensino-aprendizagem elas devem estar atreladas uma a outra, não sendo possível aplicar o ensino das lutas em cada dimensão de forma separada e/ou isolada e sim interagindo-as entre si, promovendo assim a ampliação da visão, facilitando a aprendizagem dessas práticas (RUFINO; DARIDO, 2013).

3.2.3 JIU-JITSU BRASILEIRO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nos baseando no que vimos durante o primeiro capítulo deste trabalho sobre como o Jiu-jitsu brasileiro se desenvolveu ao longo dos anos, como os seus conhecimentos foram modificados e sua intencionalidade ressignificada ao passar do tempo, podemos afirmar que a prática ganhou visibilidade e reconhecimento no Brasil.

Sua evolução se deu de Arte marcial, para luta e então luta esportivizada(devido as federações e confederações criadas para reger a sua prática). Seria o Jiu-jitsu brasileiro, por se encaixar no que os PCNs entendem por luta, uma possível ferramenta pedagógica para as aulas de educação física escolar? Caso positiva seja a resposta da questão anterior nos deparamos com outra indagação: De que forma podemos fazer uso de tal ferramenta?

Retomando Rufino e Darido (2013); esses autores propõe a aplicação dos conteúdos da cultura corporal através das dimensões de conteúdo. O Jiu-jitsu brasileiro torna-se um conteúdo muito mais abrangente nas aulas de educação física

sendo trabalhado nessas três dimensões do que se trabalhado apenas na perspectiva do “saber fazer”, tendo em vista o que anteriormente foi apresentado pelos autores que dialogam acerca das dimensões de conteúdo. Se faz necessário então um melhor entendimento acerca dos conceitos dessas dimensões.

A primeira dimensão, a dimensão conceitual, segundo Rufino e Darido (2013) engloba, como o próprio nome diz, os conceitos sobre as diferentes modalidades, suas especificidades como regras, formas de se realizar movimentos específicos de cada modalidade, fatos históricos de cada modalidade, dentre outros.

Rufino e Darido (2009) trazem que a dimensão atitudinal dos conteúdos se caracteriza por uma maior complexidade que os outros tipos de conteúdo já que levam em consideração o componente afetivo, os valores, as normas e atitudes, fazendo com que as atividades tenham que abarcar os campos afetivos, cognitivos e conceituais. A dimensão atitudinal então “[...] compreende as atitudes e valores que devem ser ensinados em relação às lutas, como as condutas éticas, valores e princípios orientadores das práticas como o respeito mútuo, a solidariedade, dentre outros.” (RUFINO; DARIDO, 2013).

Por sua vez a dimensão de conteúdos procedimentais, segundo Rufino e Darido (2013), se caracteriza pelo “saber fazer”. Essa é a dimensão responsável pelos procedimentos, gestos técnicos e movimentos específicos realizados em cada modalidade. Apresentando concordância Rufino e Darido (2009) nos dizem que a dimensão procedimental traz a indispensabilidade de realizar exercícios suficientes e progressivos das diversas ações que formam os procedimentos, técnicas ou estratégias. Exercícios esses, que devem advir de situações que o autor chama de significativas e funcionais, na intenção de que o conteúdo possa ser assimilado adjunto da capacidade de poder utilizá-lo quando conveniente.

Dado o conceito das dimensões de conteúdo no que tange à luta como conteúdo pedagógico, podemos agora relacionar o Jiu-jitsu brasileiro com o ensino das lutas nas aulas de educação física escolar através das próprias dimensões atitudinal, conceitual e procedimental.

De acordo com Rufino e Darido (2009), as possibilidades de se trabalhar o Jiu-jitsu na dimensão conceitual são vastas, podendo ir desde o pioneirismo da família Gracie na difusão do esporte no Brasil, passando pela relação da modalidade com a cultura do país, com o MMA (antigo “vale tudo”), entender como funciona o

treinamento dos atletas até a relação com a mídia. É possível também analisar as regras da modalidade e refletir sobre elas.

Existem diferentes formas de se trabalhar o Jiu-jitsu na dimensão procedimental, como por exemplo: exercícios de alongamento e aquecimento, rolamentos, imitações de animais e movimentos básicos do esporte, técnicas específicas como guarda e passagem de guarda, aplicações de técnicas de lutas de solo como algumas chaves, estrangulamentos e imobilizações e estratégias de luta e diferenciações da forma de lutar. (RUFINO; DARIDO, 2009).

Campo abundante de formas para que o professor possa trabalhar o Jiu-jitsu brasileiro, a dimensão atitudinal, segundo Rufino e Darido (2009), pode aparecer de forma a indagar questões como a relação entre os próprios alunos durante as aulas na escola, a relação dos atletas perante uns aos outros e com os árbitros e o respeito pelo limite do próprio corpo.

Rufino e Darido (2009) afirmam que “São inúmeras as possibilidades de se abordar e trabalhar o jiu-jitsu brasileiro e se faz imprescindível o conhecimento do professor acerca das dimensões de conteúdo e do Jiu-jitsu em si, nas três dimensões, para que o processo de ensino-aprendizagem seja de fato satisfatório.”, mas continuam “Vale ressaltar que é necessário que o professor tenha conhecimentos sobre o jiu jitsu mas não necessariamente ele precisa ser um faixa preta nessa modalidade.” , ou seja, o professor não precisa ser especialista na modalidade da luta, mas precisa ter conhecimento sobre a modalidade e suas diversas características.

4 METODOLOGIA

A metodologia científica é o que faz com que o trabalho se dê de maneira sistematizada, e segundo Rodrigues (2007) “é um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para formular e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática.”. Em outras palavras é o conjunto de métodos que possibilitam ao pesquisador responder o “problema” da pesquisa em questão.

A metodologia de uma pesquisa tem como objetivo expor de forma clara os procedimentos, critérios, abordagens e instrumentos em geral utilizados pelo pesquisador para elucidar o problema da pesquisa referida. A metodologia existe para que haja relevância no trato do conteúdo pesquisado.

4.1 CARACTERIZAÇÕES DO ESTUDO

O trabalho aqui apresentado se caracteriza por uma revisão bibliográfica, com fontes de dados em materiais já elaborados, e segundo Gil (2007) “Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” e continua quando afirma que “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao pesquisador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”.

Fonseca (2002) traz em seu texto que este método consiste na pesquisa bibliográfica, em documentos, artigos, teses, ou seja, na coleta de dados através de referências teóricas já publicadas a fim de recolher informações e conhecimentos prévios acerca do tema em questão para que o problema de pesquisa seja solucionado.

Para compor o referencial teórico deste trabalho foram selecionados textos de diferentes periódicos, sendo eles a revista Movimento e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Também foi usado o buscador o *Scholar Google*. Os textos em questão foram selecionados sob o critério de serem de língua portuguesa e tratarem sobre os Jiu-jitsu brasileiro em uma perspectiva histórica e pedagógica ou da Luta na educação física escolar.

A pesquisa nos periódicos se deu através dos descritores: Jiu-jitsu, escola, lutas e educação física. Tais descritores foram utilizados nas bases de dados e no buscador *Scholar Google* para encontrar os textos.

Para a busca e seleção dos textos a pesquisa se deu nos 3 seguintes momentos: Primeiro momento, Leitura dos títulos. Segundo momento, Leitura dos resumos. Terceiro momento, leitura dos textos completos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como visto no primeiro capítulo deste mesmo trabalho, o Jiu-jitsu percorreu um vasto caminho desde a sua origem no continente asiático até sua notória ascensão através da família Gracie. Se fez possível identificar as mudanças que essa prática sofreu ao decorrer de seu processo histórico, tendo seus sentidos e significados alterados para poder se adequar ao contexto socio-cultural de cada época.

A prática da modalidade foi se conectando com os costumes e cada vez mais fazendo parte da cultura do país, como podemos ver ao retomar Rufino e Darido (2009) que afirmam que a relação cultural que a modalidade teve e ainda continua tendo com a cultura brasileira é evidente, tendo em vista que a própria nomenclatura da modalidade se transformou de Jiu-jitsu para Jiu-jitsu brasileiro.

Os textos e materiais pesquisados apontam também como as lutas se conceituam dentro da perspectiva da cultura corporal. Podemos afirmar ao retomarmos Brasil (1998) que a cultura corporal é vista como o acúmulo dos incontáveis conhecimentos e representações que foram sendo modificadas ao longo do tempo tendo sua intencionalidade e forma de expressão sendo ressignificadas.

Devido a argumentos, que restringem a luta na prática pedagógica, trazidos por professores de educação física, Ferreira (2006) em sua pesquisa retrata a não utilização da luta como conteúdo nas aulas de educação física por 68% dos professores que responderam o questionário utilizado em sua pesquisa. Na contramão do que foi argumentado por tais professores, Do Nascimento e De Almeida (2007) rebatem os dois principais argumentos que também aparecem em sua pesquisa (de que os professores não abordam o conteúdo luta por não ter instrução e vivência suficiente e que se preocupam com o fator violência) e

concluem que não é preciso que o professor seja especialista em determinada modalidade, caso o objetivo não seja formar atletas/lutadores, e que em suas intervenções em campo durante a pesquisa nenhum episódio de violência ocorreu entre os alunos.

Resgatando o que Rufino e Darido (2009) trazem em sua pesquisa, temos as três dimensões de conteúdo como possibilidade de trato das lutas e a partir delas também a possibilidade da inserção do Jiu-jitsu brasileiro nessas aulas. Os autores trazem as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal como maneira de abordar os diferentes aspectos da modalidade, na intenção de uma compreensão mais ampla dos alunos acerca do Jiu-jitsu brasileiro, passando por exemplo desde o seu conceito histórico, suas técnicas e movimentos específicos até o comportamento dos atletas/ lutadores e próprios alunos durante a prática da aula.

6 CONCLUSÃO

Ao finalizarmos este trabalho, se fez possível observar, para além dos objetivos propostos, que a educação física escolar tem por dever oportunizar ao aluno os conteúdos da cultura corporal, no caso desta pesquisa o conteúdo luta, e recobrando Do Nascimento e De Almeida (2007), tratá-la de forma a construir conhecimentos significativos e abarcar aspectos da autonomia, criticidade e emancipação. Prezando de tal maneira pela formação crítica do aluno como cidadão.

Entendemos também, através dos autores pesquisados, que é de fato possível afirmar que o Jiu-jitsu brasileiro faz parte dessa cultura corporal dentro do bloco de conteúdos luta, já que corresponde regras e características que a modalidade apresenta com o que pode ser visto quando se recobra a definição de luta trazida por Brasil (1998), em que as lutas mediante a técnicas e estratégias de fundamentos como o desequilíbrio, a contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço são disputas que os oponentes devem ser subjugados nas ações combinadas entre ataque e defesa.

Observamos e identificamos também que o Jiu-jitsu brasileiro é sim uma possível ferramenta pedagógica para as aulas do conteúdo lutas na educação física escolar, que se viabiliza e se justifica através da cultura corporal e dos documentos

norteadores como PCN's e OTM's e que como afirmam Rufino e Darido (2009), pode ser ministrado pelos professores nas aulas de educação física através das dimensões de conteúdo.

No decorrer do referencial teórico se fez possível observar que o ensino das lutas nas aulas de educação física escolar ainda encontra resistência e preconceito por uma parcela dos professores de educação física que ao negligenciarem o trato desse conteúdo acabam por limitar o conhecimento dos alunos acerca da cultura corporal e seus conteúdos.

Coube a nós fomentar o debate e identificar na literatura o Jiu-jitsu brasileiro como ferramenta possível e viável para que essa negligência diminua e cabe agora aos professores e profissionais que tiverem acesso a esse estudo, pesquisar e buscar formação acerca do que tange esse tema, para que possamos assim mudar a realidade que está posta. Corroborando com a ideia de fomentar o diálogo sobre o tema e para que o acervo teórico sobre as lutas seja cada vez mais rico “Sugere-se que este tema seja abordado por outros educadores físicos, contribuindo para a discussão e somando com outras posições.” (FERREIRA, 2006).

7 REFERÊNCIAS

A história do Jiu-Jitsu. Graciemag. Disponível em: < <https://www.graciemag.com/historia-do-jiujitsu/>> Acesso em: 15 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 3o e 4o ciclos. Brasília, 1998. v.7.b.

DA COSTA, L. Atlas do esporte no Brasil: jiu jitsu. Rio de Janeiro: CONPEFE, 2006 Disponível em:< <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/75.pdf>> Acesso em: 2 jan. 2019.

DE OLIVEIRA, André Luis; GOMES, Fabio Rodrigo Ferreira; SUZUKI, Frank Shiguemitsu. Conceito dos tipos de lutas a partir de uma visão de cultura corporal. 2006.

DO NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa; DE ALMEIDA, Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 13, n. 3, p. 91-110, 2007.

FERREIRA, Heraldo Simões. As lutas na educação física escolar. **REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA/JOURNAL OF PHYSICAL EDUCATION**, v. 75, n. 135, 2006.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica.[Apostila] Fortaleza: UEC. 2002.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LISE, Riqueldi Straub et al. A BIOGRAFIA ESCRITA POR REILA GRACIE E AS FONTES JORNALÍSTICAS: REVISANDO A HISTÓRIA HEGEMÔNICA. Movimento (ESEFID/UFRGS), v. 23, n. 4, p. 1149-1160, 2017.

LISE, Riqueldi Straub; CAPRARO, André Mendes. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2018.

MARCELLO, Murilo Aranha Guimarães. Orelhas grotescas e Corpos suaves: Análise do corpo no Jiu-Jitsu.

Mundial de Jiu-jitsu 2019: Confira os destaques inscritos na faixa preta. Graciemag. Disponível em: <<https://www.graciemag.com/2019/05/24/mundial-de-jiu-jitsu-2019confira-os-destaques-inscritos-na-faixa-preta/>> Acesso em: 23 jun. 2019.

Mundial 2016: Lembre quem são os atuais campeões e faça suas apostas. Graciemag. Disponível em: <<https://www.graciemag.com/2016/05/21/mundial-de-jiu-jitsu-2016lembre-quem-sao-os-atuais-campeoes-e-faca-suas-apostas/>> Acesso em: 23 jun. 2019.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Secretaria de Educação. Orientações teóricometodológicas – Ensino Fundamental e Médio: Educação Física. Recife: SEDE-PE, 2010

RODRIGUES, William Costa et al. Metodologia científica. Faetec/IST. Paracambi, p. 220, 2007.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Considerações iniciais sobre o jiu jitsu brasileiro e suas implicações para a prática pedagógica. In: Congresso Paulistano de Educação Física Escolar. 2009.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O jiu jitsu brasileiro nas três dimensões dos conteúdos nas aulas de educação física escolar. IV COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: AS LUTAS NO CONTEXTO DA MOTRICIDADE, v. 4, 2009.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; MARTINS, Carlos José. O jiu jitsu brasileiro em extensão. Revista Ciência em Extensão, p. 84-101, 2011.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. Possíveis diálogos entre a educação física escolar e o conteúdo das lutas na perspectiva da cultura corporal. Conexões, v. 11, n. 1, p. 144-170, 2013.

VENSON, Gabriela Eyng. Motivos que levam os professores a (des) considerarem a luta como conteúdo de educação física escolar. 2015.